



7 • Correio Braziliense — Brasília, sexta-feira, 11 de julho de 2025

|                                  |  |                                 |  |   |                      |  |  |
|----------------------------------|--|---------------------------------|--|---|----------------------|--|--|
| <b>Bolsas</b><br>Na quinta-feira | <b>Pontuação B3</b><br>Ibovespa nos últimos dias | <b>Dólar</b><br>Na quinta-feira | <b>Salário mínimo</b><br>Últimos                                 | <b>Euro</b><br>Comercial, venda na quinta-feira | <b>CDI</b><br>Ao ano | <b>CDB</b><br>Prefixado 30 dias (ao ano) | <b>Inflação</b><br>IPCA do IBGE (em %)   |
| 0,54%<br>São Paulo               | 141.263<br>7/7 8/7 9/7 10/7                      | R\$ 5,545<br>(+ 0,78%)          | 4/julho 5,424<br>7/julho 5,477<br>8/julho 5,445<br>9/julho 5,502 | R\$ 6,486                                       | 14,90%               | 14,92%                                   | Fevereiro/2025 1,31<br>Março/2025 0,56<br>Abril/2025 0,43<br>Maio/2025 0,26<br>junho/2025 0,24 |

## EFEITO TRUMP

# Reflexos da tarifa na economia brasileira

Analistas e empresários calculam os possíveis estragos do anúncio da taxa de 50% pelos EUA

» RAPHAEL PATI  
» EDLA LULA

A nova alíquota de 50% sobre a importação de produtos brasileiros é a maior em vigor na onda do tarifaço do presidente Donald Trump, que, desde o início do segundo mandato, promoveu uma série de reviravoltas no “morde e assopra” das negociações em torno de tarifas de importação. Diante desta taxa substancial, determinados setores da economia brasileira devem ser mais seriamente afetados, levando em consideração que os EUA são atualmente o segundo maior parceiro do Brasil.

Com motivos políticos e econômicos, o republicano destacou, na carta enviada antontem ao presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, que a alíquota de 50% é “muito inferior” ao que seria necessário para nivelar o comércio entre os dois países. Trump escreveu que há uma relação “injusta e muito desleal” para os Estados Unidos e que o relacionamento bilateral tem sido longe de ser recíproco.

Na verdade, os números desmentem o norte-americano. Desde 2009, o Brasil registra déficits comerciais consecutivos com os EUA, de acordo com dados da série histórica do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic). Isso significa que o comércio brasileiro importa mais produtos de lá do que o inverso, o que fez com que a maior economia do mundo tivesse um saldo positivo de US\$ 90,28 bilhões nos últimos 16 anos.

## Balança

Os EUA são o segundo maior parceiro comercial do Brasil, tanto em exportações, com 12% do total, quanto em importações, com 15%. Em 2024, o fluxo de comércio totalizou US\$ 40,3 — o equivalente a 1,9% do PIB. Em um horizonte mais curto, nos primeiros seis meses deste ano, o Brasil registrou déficit de US\$ 1,67 bilhão nas relações comerciais com os EUA. Nesse período, as exportações acumularam US\$ 20,02 bilhões, enquanto que as importações somaram US\$ 21,69 bilhões. Nesse contexto, a participação das exportações brasileiras para o país norte americano apresentou um leve aumento na comparação com os 12 meses do ano passado, de 12% para 12,1%.

O impacto macro não é tão significativo, mas vemos um efeito micro e político relevante”, avalia o estrategista-chefe e Head do Research da XP, Fernando Ferreira. Análise divulgada pela corretora destaca que “apesar da relevância, a maior parte das exportações brasileiras são commodities, que podem acabar sendo redirecionadas para outros mercados, reduzindo o impacto potencial. Em relação às importações, equipamentos de geração de energia lideram a lista, e a composição é menos concentrada do que a pauta exportadora”. Em termos de ações, segundo a XP, a Embraer apresenta a maior exposição potencial, seguida por Suzano e Tupy. “Há diversos efeitos indiretos que merecem acompanhamento, como a resposta do Brasil ao anúncio, a possibilidade de escalada para uma crise geopolítica maior ou de um acordo/negociação comercial com os EUA, e os impactos sobre o

câmbio, fluxos financeiros, investimento direto estrangeiro (IDE) e sobre as eleições brasileiras de 2026”, comenta Ferreira.

Na conta por setores, o que mais pesa nessa balança são os produtos correspondentes à indústria de transformação, que representam quase 80% de todas as exportações para os Estados Unidos. Na liderança deste segmento, está o chamado aço bruto ou semiacabado, que responde por 9,7% do valor total obtido com as exportações. Em março deste ano, o setor já foi penalizado com uma tarifa de 25%, que subiu para 50% no mês passado.

Apesar de considerar que as alíquotas não devem ser cumulativas, o setor se preocupa com o andamento das negociações que, na visão do presidente do Instituto Aço Brasil, Marco Polo Lopes, caminhavam bem e devem ser prejudicadas. “A nossa crença é que, neste momento, a gente precisa de serenidade, de baixar a bola, a temperatura, e voltar dentro do que seja possível, ao campo negocial”, disse o executivo, em entrevista ao canal CNN Brasil.

Na sequência ao aço, as aeronaves e seus equipamentos representaram 5,2% de todas as exportações no primeiro semestre. Neste segmento, a Embraer domina o mercado, com a fabricação de aviões que, inclusive, possuem peças fabricadas nos Estados Unidos, e são exportadas para o país norte-americano já montadas. A nova tarifa deve impactar significativamente as operações da empresa, que informou estar avaliando os possíveis prejuízos nessa situação. “Tais impactos serão abordados em nossa primeira conferência de resultados do segundo trimestre, no dia 5 de agosto”, considerou a Embraer, em nota.

Além disso, outros produtos devem ser impactados dentro do setor da indústria de transformação, como variações de ferro, que respondeu por 4,3% das exportações desde janeiro, bem como óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos crus, que correspondem a 12% do total dessa estatística. Ainda no campo da indústria extrativa, o minério de ferro e seus concentrados responderam por 1,1%.

No entanto, o maior produto brasileiro importado pelos EUA são os óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos crus, que correspondem a 12% do total dessa estatística. Ainda no campo da indústria extrativa, o minério de ferro e seus concentrados responderam por 1,1%.

## Posicionamento

Ontem, entidades que representam a indústria publicaram notas que pregam cautela e diálogo para o governo brasileiro nas negociações para reverter a nova tarifa. A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) considera que, além da nova medida, outras ações já implementadas pelo governo norte-americano podem impactar negativamente o setor produtivo e a geração de emprego no Brasil.

Além disso, empresas e os consumidores dos EUA também devem sofrer com mudanças no fornecimento e aumento de preços internos, na visão da entidade. “Neste momento de crescente incerteza, a Fiesp apoia a opção adotada

## Maiores impactos

No primeiro semestre de 2025, o Brasil exportou o equivalente a mais de US\$ 20 bilhões aos Estados Unidos. Cerca de 12% de todos os produtos comercializados para o exterior tiveram como destino o país norte-americano, que atualmente é o nosso 2º maior parceiro comercial, atrás somente da China.



### INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Em %)

|   |     |
|---|-----|
| Produtos semiacabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço       | 9,7 |
| Aeronaves e outros equipamentos, incluindo as suas partes                       | 5,2 |
| Ferro-gusa, spiegel, ferro-esponja, grânulos e pó-de-ferro ou aço e ferro-ligas | 4,3 |
| Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) | 4,1 |
| Carne bovina fresca, refrigerada ou congelada                                   | 4,0 |
| Sucos de frutas ou de vegetais  | 3,7 |
| Celulose  | 3,6 |

### INDÚSTRIA EXTRATIVA (Em %)

|  |     |
|--|-----|
| Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos crus | 12  |
| Minério de ferro e seus concentrados                     | 1,1 |

### AGROPECUÁRIA (Em %)

|  |      |
|--|------|
| Café não torrado                                 | 5,8  |
| Mel natural                                      | 0,26 |
| Pescado vivo, morto ou refrigerado               | 0,18 |
| Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas | 0,14 |

Fonte: Comex Stat – Secretaria de Comércio Exterior (Secex)

pelo governo brasileiro de priorizar o diálogo, com vistas à construção de alternativas negociadas para essa situação que prejudica ambos os países”, manifestou, em nota.

Na avaliação da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), que representa a unidade da federação com a maior produção de aço no país, com grande parte das exportações destinadas aos Estados Unidos, eventuais medidas de retaliação devem ser avaliadas com

cautela, considerando possíveis prejuízos significativos à sociedade brasileira e ao setor produtivo em sua totalidade.

“Este é o momento de reavaliar posicionamentos, reconsiderar decisões e buscar soluções por meio do diálogo com esse parceiro estratégico”, destacou a Fiemg, que ressaltou, ainda, que os EUA são o principal parceiro da indústria de transformação do estado.

No caso da agropecuária, o café brasileiro é, de longe, o principal

alimento exportado aos Estados Unidos, e responde por mais de 5% de todas as vendas ao país. O diretor-geral do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé), Marcos Mattos, disse que o consumidor de café dos EUA é quem sairá mais prejudicado com a nova tarifa. O representante ainda destacou que acredita que o “bom senso prevaleça”. Tudo que gera impactos ao consumo é ruim para o fluxo de comércio, ruim para a indústria e desenvolvimento dos países”, afirmou.

## INFLAÇÃO

# Galípolo se explica por IPCA acima do teto

A inflação oficial, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), teve alta de 0,24% em junho, ante elevação de 0,26% em maio, informou nesta quinta-feira, 10, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Assim, a inflação acumulada no primeiro semestre do ano ficou em 2,99%, enquanto em 12 meses o IPCA teve alta de 5,35%.

O IPCA de 12 meses, porém, superou o teto da meta de inflação, que é de 4,5%. O descumprimento da meta, contudo, era dado como certo, já que, para que a taxa ficasse abaixo de 4,50%, seria necessária uma deflação de ao menos 0,58% em junho.

## Carta

Pelo novo regime de meta contínua de inflação, que passou a valer neste ano, o presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, teve novamente de publicar uma carta aberta para justificar por que o índice ficou fora do limite estabelecido. Pelo novo regime, o cumprimento do alvo é apurado com base na inflação acumulada em 12 meses - e não no IPCA de um ano fechado, como acontecia até 2004. Como o centro da meta é 3%, se a taxa ficar acima ou abaixo do intervalo de tolerância (1,5% a 4,5%) por seis meses seguidos, considera-se que o BC perdeu a meta.

Na carta publicada no início da noite de ontem, a segunda assinada por Galípolo, o BC atribuiu o descumprimento da meta de inflação à atividade econômica aquecida, às expectativas de inflação desancoradas, à inércia inflacionária e à depreciação cambial.

“Destaque-se que a manutenção da desancoragem por período prolongado tende a tornar as expectativas mais sensíveis a choques de curto prazo, pressionar a dinâmica de preços e salários e aumentar o repasse cambial para preços”, diz o BC na carta, que foi entregue ao ministro da Fazenda, Fernando Haddad.

O BC destacou ainda que o Produto Interno Bruto (PIB) teve um crescimento “significativo” no início do ano, puxado pela agropecuária, e que os indicadores de mercado de trabalho e utilização da capacidade instalada mostraram mais força do que se esperava.

## Alimentação

O IPCA de junho ficou dentro do intervalo das estimativas dos analistas ouvidos pelo Projeções Broadcast, que variavam de 0,14% e 0,26%, com mediana de 0,20%. No mês passado, destacaram-se os preços do grupo Alimentação e bebidas, que caíram 0,18% - a primeira queda em nove meses - resultando numa contribuição negativa de 0,04 ponto percentual ao IPCA. Entre os componentes do grupo, a alimentação no domicílio teve queda de 0,43%. Já a alimentação fora do domicílio subiu 0,46%, menos que o 0,58% de maio.

Os preços do grupo transportes subiram 0,27% em junho, após queda de 0,37% em maio, resultando numa contribuição positiva de 0,06 ponto percentual ao IPCA. Os preços de combustíveis caíram 0,42%, após recuo de 0,72% em maio. A gasolina caiu 0,34%; já tinha registrado queda de 0,66% em maio.